

Apresentação do Dossiê “Vivências LGBTQIA+: processos de reinvenção, práticas de resistência e criatividade nas cidades”

Nina Acacio

Mestra em Antropologia Social/Universidade Federal de Santa Catarina

<http://orcid.org/0000-0002-7515-1044>

ninacacio@outlook.com

Louise Prado Alfonso

Professora Adjunta do Departamento de Antropologia e Arqueologia/Universidade Federal de Pelotas

<http://orcid.org/0000-0001-8602-326X>

louiseturismo@outlook.com

Felipe Aurélio Euzébio

Mestre em Antropologia/Médicos Sem Fronteiras

<http://orcid.org/0000-0002-8126-8222>

felipeaeuz@outlook.com

Este Dossiê temático nasce de uma série de encontros com enfoque em vivências LGBTQIA+¹, a partir de pesquisas centradas na diversidade sexual e de gênero que suas proponentes² compartilharam ao longo dos anos. Com intuito de congregarmos uma discussão mais ampla sobre a pluralidade de práticas e modos de agir, viver e se relacionar das pessoas LGBTQIA+, essa seleção de textos dialoga com uma gama de perspectivas multidisciplinares que focam nas relações entre Cidade-Gênero-Sexualidade. Os primeiros esboços dessa discussão pelas autoras surgiram com a ideia de articular múltiplos formatos, perspectivas e direcionamentos para tratar de narrativas de pessoas

1 Embora hoje existam outras letras compondo a sigla, no momento da proposição do dossiê optamos pela sigla LGBTQIA+: Lesbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais (aqui o termo trans se refere às diferentes identidades embarcadas por essa nomenclatura).

2 Ao nos referirmos às autorias utilizaremos as expressões no “feminino”.

LGBTQIA+ e suas relações com temáticas consolidadas na Antropologia brasileira: Questões Urbanas³ e Patrimônio⁴. A proposta era possibilitar trocas diversas no âmbito da tríade Ensino-Pesquisa-Extensão, em especial, a partir das produções e reflexões construídas pelo Projeto de Pesquisa “Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas” articuladas ao Projeto de Extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”. Ambos os projetos procuraram evidenciar dinâmicas presentes entre a produção discursiva da história oficial da cidade de Pelotas e do Rio Grande do Sul, que diminui a participação de pessoas negras, indígenas, periféricas e LGBTQIA+ na construção de sua história, com a popularidade de sua alcunha como “cidade gay”. Essa discussão possibilitou múltiplas abordagens que foram/são entendidas como necessárias para a compreensão da pluralidade de processos de exclusão que diferentes sujeitos/as/es passam no estado.

As reflexões sobre as vivências LGBTQIA+ no sul do sul do Brasil permitiram entender as produções de vida dessas pessoas fora do que seria a dinâmica da estigmatização e de sua produção como uma alegoria da desgraça. Tratar da possibilidade de pensar as intrincadas relações constituídas por sujeitos/as/es nas cidades é, de muitos modos, pensar como se produzem corpos, histórias e sociabilidades que modelam outras formas de pensar as próprias relações entre cidade, áreas do conhecimento, gênero e sexualidade.

A caminhada que leva a este dossiê tem seu início em 2019, com uma série de discussões sobre a representação de pessoas LGBTQIA+ em Pelotas, que resultaram em textos que focam nas múltiplas experiências dissidentes na cidade (Souza; Euzébio & Alfonso, 2020; Souza; Costa & Alfonso, 2021). Durante a pandemia de Covid-19, com a quarentena, nossos encontros e discussões se transformaram, e o escopo dessa proposição se tornou ainda mais amplo. Nesse período, a partir de 2020, destacamos algumas iniciativas que compusemos e organizamos que aqui tem influência direta. A primeira, a experiência com o curso de formação docente “Reflexões sobre comunidade LGBTQIA+: Diferentes narrativas e histórias entre casa, escola, trabalho e cotidiano”, tratou-se de um instigante espaço de trocas e aprofundamento de discussões (Relatório Final do Curso de Formação Docente, 2020). Este contou com a participação de mais de duas centenas de pessoas de diferentes lugares do Brasil. Com o objetivo de produzir um espaço que auxiliasse docentes da educação básica sobre questões de diversidade sexual e de gênero, o curso, ministrado de forma online, contou com a presença de diferentes pessoas, pesquisadoras, ativistas e profissionais com expertise nas temáticas elencadas.

3 Nesse momento influenciadas por Gilberto Velho (1973), José Cantor Magnani (2002), Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013), e Michel Agier (2015).

4 Como influência importante Gilberto Velho (2006).

Com seu encerramento, novas demandas surgiram, a principal delas sendo a ampliação de espaços de debates sobre questões de diversidade em múltiplas perspectivas, explorando o potencial da reunião de pessoas de diferentes áreas do conhecimento, idades e regiões do país. Assim, as ações expandiram-se para diversas frentes: eventos acadêmicos, exposições, textos nas redes sociais, histórias infantis, outros cursos, oficinas, publicações e tantas outras atividades (Relatório Anual do Projeto de Extensão, 2020).

Durante esse percurso, dando certo enfoque no momento histórico em que vivíamos (a pandemia), que se sucedeu a construção da chamada deste número temático, como também a produção da arte que compõe a capa da publicação. Cedida pela Profa. Dra. Flavia Rieth, a ilustração carrega parte das linhas, traços e fabulações que deram origem à proposta e sua realização. Tratando de sujeitas/os/es LGBTQIA+ explora-se não apenas o colorido da bandeira, um dos elementos mais utilizados para representação, mas também trata, de certo modo, da invisibilização constante de suas vivências. As pessoas representadas são inspiradas em fotografias e no próprio imaginário da antropóloga que desenha, mas também denotam um olhar que apresenta parte dos anseios que levaram ao surgimento deste dossiê: quem nos representa? Como nos “desenham” em suas pesquisas? E, ainda mais, há apenas um formato de representação?

Ao dar enfoque na presença de pessoas LGBTQIA+ também como produtoras de conhecimento, os artigos deste número levantam interpretações não apenas do lugar de “outro” da produção narrativa, mas também da dinamização e renovação da própria Antropologia e demais áreas do conhecimento. A proposição é tratar dos interstícios que se sucedem nas práticas de resistência e disputa que acontecem entre sujeitos dissidentes e a sociedade. É importante elencar que desde a chamada do dossiê alguns panoramas se modificaram, já que as questões políticas, sanitárias e econômicas que desenharam novos contextos sócio-políticos no país, retrocessos e reviravoltas, trouxeram a derrocada das políticas públicas voltadas às minorias, e assim possibilitaram diferentes cenários, discussões e demandas voltadas a questões de gêneros, sexualidades em seus mais diversos prismas, que atualmente articulam-se de outro modo. A presença na sociedade se modificou, sendo assim os conflitos também passaram por remodelações.

A presença no Congresso Nacional⁵, em novos Ministérios, em pastas governamentais importantes para as políticas públicas, não são dissociadas de um cenário em que mais pessoas trans e travestis são assassinadas com requinte de crueldade, ou mesmo violentadas publicamente, como também quando vibramos por mais um simples beijo entre personagens do mesmo sexo na televisão aberta. As contradições fazem parte da

5 Destaca-se a presença das primeiras deputadas travestis no Congresso Nacional.

perpetuação capitalista sobre os afetos e a moralidade. Os interstícios e espaços limítrofes são deveras interessantes para entender aquilo que Sherry B. Ortner (2016) entende como processos de resistência significativos para a Antropologia. Ainda nessa seara, as reflexões da produção sobre teoria queer, feminismos, transfeminismos e dissidências nos apresentam a necessidade de entender tais questões a partir de olhares contemporâneos, em que os reflexos pós-pandêmicos, pós-coloniais e porque não dizer pós-gênero, humanidade e categorizações, estão no âmago dos debates em diferentes modalidades de existência e produção de novos paradigmas (Preciado, 2020).

Um olhar apurado, ou mesmo de soslaio, para as produções, em especial nas Ciências Humanas e Sociais, demonstra um exercício preciso de reimaginação do que é a diversidade sexual e de gênero e sua expressão a partir de olhares interseccionais. Qual o espaço destinado ao “sujeito fora da norma”? Além da construção de sujeito sexualmente exposto, nossa presença nos espaços universitários, mas também daqueles de produção de outras epistemologias, no qual o ativismo, subjetividade e teoria se transmutam, é central para este dossiê. Assim, convidamos as pessoas leitoras à imersão em reflexões importantes na compreensão de novos reposicionamentos de pessoas LGBTQIA+ em sua criatividade tanto prática, quanto teórica.

Em um misto de relatos e estranhamentos que Glauber Soares Junior, Luiza Eduardo dos Santos, Fabiano Eloy Atílio Batista e Ítalos José de Medeiros Dantas abrem este dossiê apresentando suas vivências como sujeitos LGBTQIA+ nos espaços acadêmicos e fora deles. Uma escrita em metamorfose é o cerne da discussão em “É por e sobre nós: vivências queer pela ótica de pesquisadores brasileiros”, tratando da produção da subjetividade enquanto traço importante da constituição de trajetórias de pesquisa.

Ao tratar da experiência de construção de uma importante iniciativa de caráter artístico, político e emancipatório, Iago Marichi Costa e Fernanda Marciano em “Relato sobre a 1ª Feira da Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar”, instigam uma retomada das memórias da organização da referida Feira e seu potencial disruptivo, como também, de acolhimento e de reflexão, de certo modo, sobre estratégias de manutenção de pessoas trans dentro dos espaço universitários a partir de iniciativas transcentradas.

Em “LGBTQIA+ produzindo cidade e pesquisa antropológica: notas reflexivas sobre os desafios da familiaridade e da afetação com o campo”, Mateus Rodrigues dos Santos e André Rocha Rodrigues nos apresentam uma análise acerca das sociabilidades de pessoas LGBTQIA+ a partir do contexto de festas, reuniões e casas noturnas em cidades do interior do estado de São Paulo. No decorrer do texto, os autores apontam para as preocupações ético-metodológicas que a pesquisa etnográfica em um contexto de proximidade necessita,

como também na profusão de outras formas de pensar os trânsitos pelas cidades a partir das subjetividades de pessoas LGBTQIA+.

O próximo texto deste dossiê traz uma continuidade importante para as temáticas abordadas, em especial, o entendimento da presença e socialização de pessoas LGBTQIA+ fora dos grandes centros urbanos. No artigo “Corporificação do Sagrado: narrativas homoafetivas no Terreiro de Umbanda em uma cidade interiorana”, Victor Lean Rosário explora as narrativas e a produção de corporalidades dentro de contextos religiosos de matrizes africanas em Igarapé-Açu no estado do Pará. A abordagem etnográfica do autor auxilia a vislumbrar uma importante problemática da construção de um campo de debates sobre gênero e sexualidade na Antropologia.

Em “Sobre medo, amor e engajamento: micropolítica das emoções a partir da militância de integrantes do coletivo Mães pela Liberdade”, Maria Alice Magalhães da Silva Batista apresenta uma outra perspectiva ao tratarmos da diversidade sexual e de gênero: as relações de parentesco. No artigo, o coletivo Mães pela Liberdade é uma importante arena de reflexões sobre o lugar que as emoções, como importantes entes da construção de diferentes formas de ativismo, apresentam na militância de familiares de pessoas LGBTQIA+.

Por fim, no texto “Violência interpessoal contra adolescentes LGBT: Uma perspectiva ampliada sobre tendências, contextos regionais e desafios emergentes”, Ana Livia Félix, Caio César Caetano Mendonça, Brenno Alves Viana, Isabella Withória Caldas da Silva Souza e Monarko Nunes de Azevedo aproximam os saberes biomédicos e os estudos sobre violência em uma importante compilação de dados e análise de marcadores para com a sujeitos/as/es LGBTQIA+, incorporando um olhar para as especificidades regionais levantadas a partir das taxas de violências sofridas e o Programa Saúde na Escola (PSE).

Convidamos a todas/es/os para a leitura dos textos que compõem esse dossiê e esperamos que as discussões aqui realizadas possibilitem novas caminhadas para as pessoas leitoras e autoras, e ampliação dos debates sobre as temáticas propostas.

Referências

Agier, Michel (2015). Do direito à cidade ao fazer-cidade. o antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, 21(3), pp. 483–498.

Magnani, José Guilherme Cantor (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), pp. 11–29.

Ortner, Sherry B. (2016). Dark anthropology and its others: Theory since the eighties. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 6(1), pp. 47–73.

Preciado, Paul B (2020). *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.

Relatório Anual do Projeto de Extensão *Mapeando a Noite: O Universo Travesti* (2020). Pelotas: UFPel.

Relatório Final do Curso de Formação Docente *Reflexões sobre comunidade LGBTQIA+: Diferentes narrativas e histórias entre casa, escola, trabalho e cotidiano* (2020). Pelotas: UFPel.

Rocha, Ana Luiza Carvalho da & Eckert, Cornelia (2013). *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas de vida urbana*. Porto Alegre: Marca Visual.

Souza, Newan Acacio Oliveira de [Acacio, Nina]; Costa, Vanessa Avila & Alfonso, Louise Prado (2021). A construção de cartografias insurgentes: um relato sobre a oficina “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”. *Revista Arqueologia Pública*, 16(1) pp. 185–204.

Souza, Newan Acacio Oliveira de [Acacio, Nina]; Euzébio, Felipe Aurélio; Alfonso, Louise Prado (2021). “Isso é truque de drag velha”: etnografias das noites e a arte drag na cidade de Pelotas-RS. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 18(2), pp. 651-667.

Velho, Gilberto (2006). Patrimônio, negociação e conflito. *Mana*, 12(1), pp. 237–248.

____ (1973). *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.